

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadores)

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscarro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 / Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-01-6 DOI 10.22533/at.ed.016201102</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra. CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religioso desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeras possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)	
Maria Rita de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0162011021	
CAPÍTULO 2	14
EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL	
Técia Goulart de Souza Elison Antonio Paim	
DOI 10.22533/at.ed.0162011022	
CAPÍTULO 3	24
ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA	
Arcângelo da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011023	
CAPÍTULO 4	37
HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?	
Edith Adriana Oliveira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0162011024	
CAPÍTULO 5	53
PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Matheus Luiz de Souza Céfalo	
DOI 10.22533/at.ed.0162011025	
CAPÍTULO 6	69
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA	
Carla Santos Pinheiro Lauro de Freitas/Bahia	
DOI 10.22533/at.ed.0162011026	
CAPÍTULO 7	80
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”	
Ana Carolina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011027	

CAPÍTULO 8	91
PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Antônia Lucivânia da Silva Paula Cristiane de Lyra Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0162011028	
CAPÍTULO 9	106
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS	
Carollina Carvalho Ramos de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0162011029	
CAPÍTULO 10	118
IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Priscila Santos Calegari	
DOI 10.22533/at.ed.01620110210	
CAPÍTULO 11	131
CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
DOI 10.22533/at.ed.01620110211	
CAPÍTULO 12	141
ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA	
Nádia Narcisa de Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110212	
CAPÍTULO 13	154
ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”	
Aurea Maria Bezerra Machado	
DOI 10.22533/at.ed.01620110213	
CAPÍTULO 14	165
O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	
Fabiana Regina da Silva Cristiane Medianeira da Silva Reis	
DOI 10.22533/at.ed.01620110214	
CAPÍTULO 15	180
A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA	
Alexandre de Britto Redondo	
DOI 10.22533/at.ed.01620110215	

CAPÍTULO 16	194
UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS	
Josefa Neves Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.01620110216	
CAPÍTULO 17	208
SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR	
Jonathas Wilson Michelin Angelita Marques Visalli	
DOI 10.22533/at.ed.01620110217	
CAPÍTULO 18	221
A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551- 1761)	
Lucas de Almeida Semeão	
DOI 10.22533/at.ed.01620110218	
CAPÍTULO 19	233
AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA	
Camila Corrêa e Silva de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.01620110219	
CAPÍTULO 20	246
O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIAS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO	
Luciana de Fátima Marinho Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.01620110220	
CAPÍTULO 21	258
A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110221	
CAPÍTULO 22	271
O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL	
Tatiane de Jesus Chates	
DOI 10.22533/at.ed.01620110222	
CAPÍTULO 23	284
O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS	
José Glauber Lemos Diniz Daniele Barbosa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.01620110223	

CAPÍTULO 24	298
ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985	
Naiara Ferraz Bandeira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.01620110224	
CAPÍTULO 25	308
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB	
Victor Braga Gurgel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110225	
CAPÍTULO 26	321
APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO	
Manoel Carlos Fonseca de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.01620110226	
CAPÍTULO 27	330
NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	
Rafael de Araújo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01620110227	
CAPÍTULO 28	340
COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110228	
CAPÍTULO 29	351
ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)	
Elson dos Santos Gomes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.01620110229	
CAPÍTULO 30	363
O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)	
Richardson Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01620110230	
SOBRE OS ORGANIZADORES	376
ÍNDICE REMISSIVO	377

ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA

Data de aceite: 27/01/2020

Arcângelo da Silva Ferreira

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

RESUMO: O ensaio, utilizando alguns conceitos da Antropologia Cultural, da Literatura e da História Social da Cultura e da Linguagem, adota a novela *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, originalmente, publicada em 2008, pela editora Companhia das Letras, como objeto de interesse. O objetivo central do estudo é adentrar nos bosques da literatura de ficção, do referido escritor amazonense, com o intuito de fazer um esboço acerca das matrizes intelectuais e imagéticas, das representações, do imaginário relativos aos mitos, crenças, movimentos migratórios acerca da História e Cultura Indígena que se fazem representar na novela em estudo. O percurso metodológico busca: a relação dialógica entre o tempo do enunciado (no qual se inscreve a estrutura da narrativa, *Órfãos do Eldorado*), e o tempo histórico (aquele relativo ao processo de escrituração da obra – onde se demanda os motes – intelectuais, imagéticos - relacionados ao processo da escrita criativa de Milton Hatoum). Conclui-se que esse percurso contribui, em alguns aspectos, com o Ensino da História e Cultura Indígena.

PALAVRAS-CHAVE: História, Ensino de

História, Cultura indígena, Milton Hatoum.

Na literatura brasileira os índios foram idealizados no romantismo, de que *Iracema*, de Alencar, é um dos exemplos importantes. Mas no século passado, desde *Macunaíma*, de Mário de Andrade até *Maira*, de Darcy Ribeiro, o índio enquanto personagem foi representado de outra forma, ou seja, como busca de uma identidade brasileira e latino-americana esfacelada ou difusa, em que mito e realidade se cruzam. (HATOUM, 2005, p. 83)

NOS CAMINHOS DE MILTON HATOUM

Desde o fim da última década do século passado o escritor, o qual escolho como tema de interesse desse ensaio, ganhou notoriedade no conjunto de estudos literários desenvolvidos dentro e fora do Brasil: Milton Hatoum. Por isso, aqui pretendo me apropriar de parte de sua escrita criativa para fazer um breve estudo, não inserido nos domínios da teoria literária, ou análise do discurso, mas, no campo da história social da cultura e da linguagem: a narrativa elaborada por Hatoum é utilizada, como fonte de história. Por isso, estarão entrelaçados aqui os conceitos de verossimilhança, memória (e esquecimento), oralidade, história. Estes, talvez sejam amálgamas da narrativa que

procuro observar. Para tanto, apresento, de início um esboço da trajetória de Milton Hatoum: de forma descontínua. E, já no próximo parágrafo, faço menção às duas obras mais recentes do referido literato.

No final de 2017, o escritor amazonense Milton Hatoum, através da editora Companhia das Letras, trazia à lume o romance *A noite da Espera*. O primeiro da série *O lugar mais sombrio*. A referida narrativa faz alusão a contextos históricos e ambiências, guardadas nas reminiscências do escritor se consideradas as experiências vividas em Brasília, São Paulo e Paris: onde se entrelaçam a trama, o enredo e as personagens.

Quando Hatoum era muito jovem, migrou da capital do Amazonas para o Distrito Federal. Depois, foi para São Paulo. Mais tarde, viajou para Europa, com passagem por Espanha e França. Levando em consideração essas vivências, é válido dizer: no livro *A noite da Espera*, Hatoum lança mão da verossimilhança nuançada na realidade social na qual, moço, esteve inserido. A narrativa, portanto, conta a história de uma tribo urbana (de estudantes secundaristas), ambientada em Brasília. No plano do enunciado, Martin, personagem principal, jovem paulista, expõe suas memórias, através de um diário escrito em Paris, com registros de suas experiências na capital federal: “(...). Sem discrição (ou com discrição detetivesca) todos estão atentos à vida de todos. No silêncio da capital, rostos invisíveis vigiam e depois caluniam, acusam, delatam...” (HATOUM, 2017, p. 99).

Em setembro de 2019, pela mesma editora mencionada anteriormente, ocorreu o pré-lançamento do segundo volume da referida trilogia. Trata-se do livro *Pontos de Fuga*. Conforme entrevista de Hatoum concedida ao jornal *Correio Brasiliense*, o enredo elucida as experiências vividas na cidade de São Paulo, onde, Martin o mesmo personagem narrador de *A noite da Espera*, migra, em plena ditadura Civil-Militar, de Brasília para fazer o curso de Arquitetura, em São Paulo: “De um modo geral, *Pontos de Fuga* narra a passagem da juventude à maturidade. É quando a vida ultrapassa uma linha de sombra, e muita coisa fica pra trás: a ingenuidade, as ilusões, algumas ambições...”. (HATOUM, 2019). Reflexões sobre a educação sentimental, as lutas políticas, na conjuntura dos anos de 1970, as condições socioeconômicas desses jovens vêm à baila nesse *romance de educação*¹.

Não é demais afirmar que essa característica migratória, viajante, de Hatoum possibilitou determinadas condições objetivas para que, a partir de 1989, ano da publicação de *Relato de um certo Oriente*, ele se tornasse um escritor legitimado, pois:

1 A riqueza crítica sobre o conjunto da obra de Milton Hatoum, assim como algumas declarações do referido autor sobre sua estética literária são convergentes acerca das conclusões que giram em torno dos romances *Dois irmãos*, *Cinzas do Norte* e os mais recentes *A noite da Espera* e *Pontos de Fuga*: sofrem significativa influência da obra de Gustave Flaubert, qual seja, *Educação Sentimental*. Esse crédito sobre o francês, gradativamente, será abordado em alguns momentos dessa pesquisa.

(..), estreia com um romance [*Relato de um certo oriente*, 1989] de ambição universal e traços líricos, escreve na sequência dois romances [*Dois irmãos*, 2000 e *Cinzas do Norte*, 2005] permeados por traços dramáticos, em diálogo mais evidente com questões locais brasileiras, e, em uma espécie de volta ao começo, publica em 2008 uma novela [*Órfãos do Eldorado*] em que convivem utopia, lirismo e universalismo. (MELLO, 2012, p. 13) ²

Com efeito, Hatoum, destaca-se por algumas peculiaridades artísticas, tais como: a revisitação do regionalismo, principalmente porque articula, com maestria, uma literatura híbrida onde o local se mistura com o universal. A narrativa de Hatoum assume matrizes intelectuais e imagéticas que abarcam influências diversas, inclusas nas tradições da literatura brasileira e estrangeira. Sutis são as suas experiências com a tradição oral e o diálogo constante com o literato francês Gustave Flaubert, por exemplo. A estratégia relativa ao uso dos relatos orais, converge a narrativa do amazonense a muitos escritores das minorias (WILLIAMS, 2007.), estes que também relacionam a identidade do clã a tradição oral. Vale dizer que o contato mais profundo com a literatura latino-americana foi durante o período que estudou na Sorbonne (Paris III), nos anos de 1980. Ora, quando estava na França, por sinal, aprofundou seus estudos sobre Flaubert.

Já no Brasil, 1984, em Manaus, finalizando seu primeiro romance, lecionou literatura francesa. Em suma, a obra de Hatoum é fascinante: “combina a melhor tradição moderna (desde Proust até Autran Dourado, ou seja, a cultura dominante) e outras tradições árabes e subalternas que às vezes oferecem novas imagens dentro da cultura hegemônica” (WILLIAMS, 2007, p. 170). Com efeito, até o mais recente livro publicado em 2019, Hatoum percorreu um caminho, um tanto quanto longo. Entretanto, devido ao propósito desse ensaio, abordarei, somente, determinadas nuances da novela *Órfãos do Eldorado*.

ORALIDADE E MEMÓRIA: MOTES PARA A ELABORAÇÃO DE ÓRFÃOS DO ELDORADO

Muitos anos depois da publicação de *Cinzas do Norte*, Milton Hatoum lançaria sua primeira novela, *Órfãos do Eldorado*. Considerando sua verossimilhança, é possível sinalizar alguns aspectos na estrutura narrativa da referida obra:

Primeiro, o trágico processo de degradação da família Cordovil: Edílio (o avô), Amando (o pai), Arminto (o filho) – uma representação do processo de retração da economia da borracha, ocorrida, significativamente, no início dos anos de 1910 até o início dos anos de 1930, depois desde 1945 até o final dos anos de 1960. Segundo, a questão edípica, marcada pelo conflito entre Amando e Arminto – causada pela morte da mãe deste, esposa daquele, obviamente, no momento do parto – outra

2 E como já foi abordado em, 2017 e 2019, publica-se, originalmente, *A noite da Espera e Pontos de Fuga*.

representação, a ruptura com a tradição dos valores morais instituídos e espalhados pelos donos do poder no contexto da *Belle Époque*.

Terceiro, a escolha radical de Arminto pelo “prazer pueril” – a constante busca de seu “paraíso perdido”: a cidade encantada onde habitava Dinaura, personagem indígena acerca da qual, à luz de Machado de Assis, Hatoum deixa transparecerem dúvidas: seria a grande paixão de Arminto sua irmã bastarda? Seria Dinaura, “a mulher de duas faces” amante de Amando? – dito corretamente, a representação da busca no processo de construção de uma outra história, avesso daquela que se construiu na direção dos vencedores, pois os passos da história de Arminto podem ser considerados a fissura por onde vaza um outro ângulo narrativo para se remontar parte da história da Amazônia.

No tempo da narrativa, a morte súbita do pai de Arminto Cordovil, representa a ruptura do último alicerce que amalgamava a estrutura de uma família de barões da borracha e, por extensão, baliza de determinados valores culturais, materiais e morais. Recorro a imagem elaborada por Hatoum:

No fim da praça, parou, e as mãos cruzadas agarraram o ombro, como se ele abraçasse o próprio corpo. Dobrou as pernas lentamente e ficou de joelhos. A cabeça brilhava no canto da praça. O homem ia cair de boca, mas ele se contorceu, massageando seu peito. Depois, o único abraço, no meu pai morto. *O homem que eu mais temia estava nos meus braços. Quietamente. Eu não tinha força para carregá-lo sozinho.* Em pouco tempo a cidade despertou, e os curiosos cercaram o corpo. (HATOUM, 2008, p. 27).

Por desígnio dos meus argumentos, os grifos, por mim colocados, proferem uma sugestão: está posto nessa imagem a morte alegórica de um tempo e, por extensão, a falta de todo e qualquer desejo de reerguê-lo. Não havia mais jeito, as balizas, os vínculos, os projetos estavam findados. Outro tempo, com ele rupturas emergiam. Portanto, a falta de alternativa de Arminto Cordovil, diante da morte de seu pai, é, decerto, uma analogia à ruptura histórica na Amazônia, iniciada nos anos de 1910 – as fraturas na *Belle Époque* -, por um lado. E, por outro, no plano do enunciado, o começo da trajetória trágica da família Cordovil, pois que, a referida morte, é um dos acontecimentos que deixa Arminto Cordovil, o personagem protagonista, livre para fazer de sua trajetória uma outra história: “(...). Não me interessava o sonho de Amando nem a linhagem dos Cordovil. (...)”. (HATOUM, 2008, p. 57.)

Quarto, o “encante” (e, por extensão, os encantados): as cidades submersas, imaginários envoltos) que Hatoum estrutura em sua narrativa para se reportar ao mito viajante, *Eldorado*: uma ruína colhida, por Hatoum, nos escombros da História oficial da Amazônia.

A novela é narrada em primeira pessoa pelo personagem principal: Arminto Cordovil. Herdeiro de uma família que construiu sua riqueza através das relações

sociais de produção nascidas no bojo do capitalismo monopolista e financeiro, representado pela economia gomífera, inserida pelo *sistema de aviamento*: um mecanismo de dependência econômica que inviabilizou a acumulação e reprodução de capital na Amazônia, ocorrido no período de 1890-1913. (SANTOS, 2001). Nesta fase o controle econômico era da Inglaterra. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o monopólio estrangeiro à região ficou por conta dos Estados Unidos da América, orquestrado pelos Acordos de Washington (1942). (SANTOS, 1998).

Para eu contar sobre o percurso de alguns aspectos do processo de elaboração da novela de Hatoum, reproduzo um depoimento atinente às experiências vividas desse escritor relativas aos motes para a sua escrita criativa. Nota-se, nesse depoimento, que o escritor procura, nos rastros das memórias, indícios para tecer seus enredos. Após a citação faço uma breve digressão sobre a relação memória/história:

Num domingo de 1965, quando ainda não havia TV no Amazonas, meu avô me chamou para almoçar na sua casa. (...), depois de comer os quitutes preparados por minha avó, ele me convidaria para conversar à sombra de um jameiro. Na verdade, era um monólogo que eu interrompia apenas para perguntas. Naquela tarde, meu avô me contou uma das histórias que ouviu em 1958, numa de suas viagens ao interior do Amazonas. (Hatoum, 2008, p. 105).

O trecho traz à lembrança: a mobilização do saber histórico se dá através da constante busca das memórias no tempo. Tais memórias estão expressas nas inúmeras formas de registros das sociedades humanas representadas por suas culturas. (BLOCH, 2001). Não sem sentido, a utilização de registros, dos quais lanço mão neste ensaio, tem um propósito relativo ao assunto que pretendo desenhar: a busca da memória aproxima a narrativa de ficção elaborada por Milton Hatoum da narrativa historiográfica. Ora, Paul Ricoeur assevera: “a própria historiografia, digamo-lo desde já, não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o passado, independente do que possa significar a preteridade do passado”. (RICOEUR, 2007, p. 26). Ora, “contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. Essa observação ganha toda a sua força quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores” (RICOEUR, 2012, p. 129). Nos romances de Hatoum percebe-se que as personagens narradoras são subsumidas. Talvez porque ele também conceba que, alegoricamente, simbolicamente “toda a história do sofrimento clama por vingança e pede narração” (IDEM).

Nessa medida, em *Órfãos do Eldorado*, o literato amazonense utiliza a oralidade, por exemplo, quando se reporta ao conjunto de crenças e manifestações religiosas que inundam o imaginário das populações locais (na sua maioria heranças

da tradição indígena), conforme investigo linhas abaixo. Esta peculiaridade abre fendas para examinar a relação dialógica da narrativa de Hatoum com os domínios da Antropologia Cultural e da História Social da Cultura.

HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA: NAS VEREDAS DA NOVELA ÓRFÃOS DO ELDORADO

Órfãos do Eldorado apresenta veredas relacionadas às peculiaridades dos registros etnográficos. Desta forma, a narrativa suscita um “trabalho de campo” revelador das práticas e representações que giram em torno das crenças norteadoras das culturas populares e indígenas existentes na Amazônia: a fé em um mundo melhor, sem sofrimento, sem desgraça existente na região; uma “cidade sem mal” herdeira da cultura tupinambá. Nuances inscritos na referida literatura de ficção, como procurarei abordar linhas mais abaixo.

Nos *Agradecimentos*, colocados no final da novela, Hatoum afirma:

Embora esta ficção não se refira diretamente aos *índios* ou à *cultura indígena*, a leitura do ensaio *A inconstância da alma selvagem*, de Eduardo Viveiros de Castro, foi importante para a compreensão dos *Tupinambá da Amazônia* e para refletir sobre este romance. (HATOUM, 2008, p. 107). (gritos meus).

Por sinal, tais evidências servem para lembrar que em suas obras, Hatoum reconstitui o imaginário indígena, materializado em suas personagens, quase sempre femininas: Domingas e Dinaura, por exemplo, para citar somente as obras *Dois Irmãos* e *Órfãos do Eldorado*. Paralelo a isto, relatos sobre mitos indígenas. Alguns, extremamente eróticos. Vejam vocês:

Lembro também da história de uma mulher que foi seduzida por uma anta-macho. O marido dela matou a anta, cortou e pendurou o pênis do animal na porta da maloca. Aí a mulher cobriu o pênis com barro até ficar seco e duro; depois dizia palavras carinhosas para o bichinho e brincava com ele. Então o marido esfregou muita pimenta no pau de barro e se escondeu para ver a mulher lambe o bicho e sentar em cima dele. Diz que ela pulava e gritava de tanta dor, e que a língua e o corpo queimavam que nem fogo. Aí o jeito foi mergulhar no rio e virar um sapo. E o marido foi morar na beira da água, triste e arrependido, pedindo que a mulher voltasse para ele. (HATOUM, 2008, p. 12).

Aqui é patente a influência das anotações etnográficas e etnológicas sobre mitos eróticos, como o escritor afirma nos seus *Agradecimentos*: “usei livremente algumas poucas narrativas indígenas e passagens dos livros de Betty Mindlin, Candace Slater e Robin M. Wright sobre mitos da Amazônia brasileira” (HATOUM, 2008, p. 107). Mindlin, por sinal, reúne significativas histórias, “girando sempre em torno do tema do amor, são representadas segundo os povos dos narradores: Macurap, Tupari, Ajuru, Jabuti, Arikapu e Aruá, todos de Rondônia. São seis povos

que falam línguas diferentes e tem tradições distintas”(MINDLIN, 1997, p. 18). No referido livro a antropóloga afirma:

Pequenas sociedades das aldeias da mata brasileira nos dão um bom material para quebrar a cabeça nessa direção. *As histórias são surpreendentes, modernas, e poderiam ser o núcleo de romances contemporâneos. Algumas, inclusive, poderiam ser escolhidas como símbolos, exemplares do drama amoroso.* Velhos temas: a sedução; a relação mãe-filha, de competição ou solidariedade; a solidão erótica; a voracidade; o sonho do amor aventureiro, para não dizer romântico; *a mulher ou o homem encantados, encontrados no meio da floresta ou no fundo das águas;* o incesto, o amor criminoso; os amantes que se opõem e se matam; a viuvez e a figura do morto; a violência e a vingança; e assim por diante. (Idem, p. 17-18).

A propósito, os grifos são meus. Estes corroboram o testemunho de Hatoum no que diz respeito a utilização de relatos orais colhidos de histórias compiladas por determinados antropólogos brasileiros e estrangeiros, estudiosos das etnias indígenas viventes na Amazônia. Se analisada a fundo, é provável que aquela pequena história mitológica criada por Hatoum, citada anteriormente, tenha sido adaptada do livro *Moqueca de Maridos...*, da antropóloga Betty Mindlin. Desta reunião de narrativas orais, Hatoum pode ter usado os mitos eróticos “A mulher do anta” (Idem, p. 79-81), “O sapo, Tororõi” (Idem, p. 57-58) e “O pinguelo de barro” (Idem, p. 130), pois, reafirmo, destes há ecos no relato, qual citei, elaborado pelo escritor amazonense.

De volta ao tema da cultura tupinambá, conjecturo que Hatoum utilizou aspectos relacionados à crença propalada pelos *caráibas* – xamãs profetas – acerca da busca da *terra-sem-mal*. Crença que, conforme especialistas, pode ter relação com outra peculiaridade dos Tupinambá: o processo migratório. Percorrendo às pesquisas históricas e etnohistóricas percebe-se pontos de vista divergentes quanto a esta peculiaridade da referida etnia. Alguns afirmam que o movimento de busca da terra-sem-mal é contemporâneo ao processo de ocupação do Novo Mundo pelas populações europeias, outros, divergem afirmando que a migração faz parte de uma permanência que viria de alhures. Diante disso, observa-se que, paralelo a essa espécie de procura do paraíso na Terra, esse mote migratório pode ter relação à demanda de conflitos com os colonizadores. É consenso na narrativa de cronistas navegadores do rio Amazonas: primeiro, o ponto de partida dos Tupinambá, isto é, a costa oriental daquilo que viria a ser o Brasil; segundo, os indígenas estariam fugindo da opressão europeia. Constatação corroborada pelas fontes escritas, pois “no início do século XVII, os cronistas encontraram os Tupinambá no Maranhão, no Pará e na ilha de Tupinambarana, médio Amazonas.” (FAUSTO, 2006, p. 383).

A cultura Tupinambá, por sinal, foi responsável pela organização de *santidades indígenas*, primeiro movimento, significativo, de refutação do processo civilizatório imposto pelo sistema colonial na América portuguesa. Apropriando-se de traços do cristianismo os caráibas articularam levas de indígenas, migrantes em fuga de uma

terra dos males sem fim – trazidos pela escravidão e doenças europeias - à busca da *terra-sem-mal* – Paraíso presente no imaginário religioso dos Tupinambá. (VAINFAS, 1995, p. 46-50). Ademais, “(...) os karaiba se mostraram, em diversas ocasiões, opositores ferrenhos dos padres, não poucos destes personagens apropriaram-se do discurso cristão, desafiadora ou oportunisticamente” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p, 211).

Esse processo migratório iria trazer os indígenas até a cidade de Parintins,³ “quando fugindo às perseguições, que sofreram no Peru, voltavam a ocupar, a região de onde haviam saído e que tinha o nome de Maracá”. (BITTENCOURT, 2001, p. 13). Seja dito de passagem, com o memorialista aí citado: os Tupinambá saíram da ilha Tupinambarana já no séc. XVIII e fixaram-se nos seus arredores, mais precisamente às margens do rio Uaicurapá.⁴ Durante as explorações do rio Amazonas se verificou a existência de ilhas à margem direita do referido rio. Nesse contexto, a ilha habitada pela etnia Tupinambá receberia a denominação de Tupinambarana. Ainda, conforme as conclusões de Bittencourt, os Tupinambá, chegados do território sul da América portuguesa, temendo a escravidão, se estabeleceram na atual cidade de Parintins. Porém, a expansão do processo lusofono, de ocupação e exploração da Amazônia, induziu a saída da referida etnia da ilha Tupinambarana, pois temiam a escravidão.

O historiador Arthur Cesar Ferreira Reis também é contundente:

Tupinambarana – o núcleo instalado na ilha desse nome, em 1796, foi organizado pelo capitão de milícias José Pedro Cordovil[...].⁵ Cordovil operou, inicialmente, com os Maués e Sapupés, a que em 1798 vieram incorporar-se os Paravianas e os Uapixanas. Participantes de uma rebelião que ensanguentou as praias do Rio Branco, vencidas, aquelas tribos indígenas foram distribuídas por vários sítios da Capitania, numa dispersão que valia como medida punitiva. O grupo de Tupinambarana, era um dos castigados(REIS, 11967, p. 9).

Por sinal, estes registros, de certa forma, podem ser relacionados com os estudos do etno-historiador Carlos Fausto, mencionado anteriormente, visto que suscite o peculiar movimento migratória da etnia tupinambá: elucida tensões, choque de culturas, no bojo do processo de colonização. Nessa esteira, na segunda edição do livro *Clarões de Fé no Médio Amazonas*, Dom Arcângelo Cércua, outro pesquisador diletante, compromissado com a trajetória da missão católica no Médio rio Amazonas, também faz menção a etnia Tupinambá:

Mas que índios eram esses antigos moradores de Parintins e seu território? Na opinião de Maurício Henriarte (DESCRIPÇÃO DO MARANHÃO, p. 162/225), os primeiros moradores foram os índios ARATU, APOCUITARA, YARA, GOGUI, CURIATÓS. Num segundo tempo estes foram subjugados pelos TUPINAMBÁS, que vinham da faixa atlântica do Brasil, fugindo da conquista dos portugueses.

3 Cidade localizada no Baixo rio Amazonas.

4 Há alguns quilômetros da Ilha de Parintins.

5 Esta evidência histórica, a menção ao sobrenome Cordovil, entretece a narrativa histórica à narrativa literária inscrita na novela *Órfãos do Eldorado*, visto que seu personagem principal também recebe o mesmo sobrenome.

O movimento migratório dos Tupis em 1600 tornou-se um verdadeiro êxodo. Entretanto, parece que os Tupis de nossa região vieram em boa parte pelo Madeira e pelo Centro. Gostaram da ilha, conquistaram seus naturais e os avassalaram. Depois com o tempo houve a fusão por meio dos casamentos. Mas segundo Acunã, eles exterminaram muitos moradores e continuaram a tratar os restantes em caráter senhorial, apesar do intercasamento. (CERCUA, 2009, p. 12-13).

Seria Parintins a “terra sem mal” dos Tupinambá? Para conjecturar sobre essa questão é mister observar a imagem adiante:

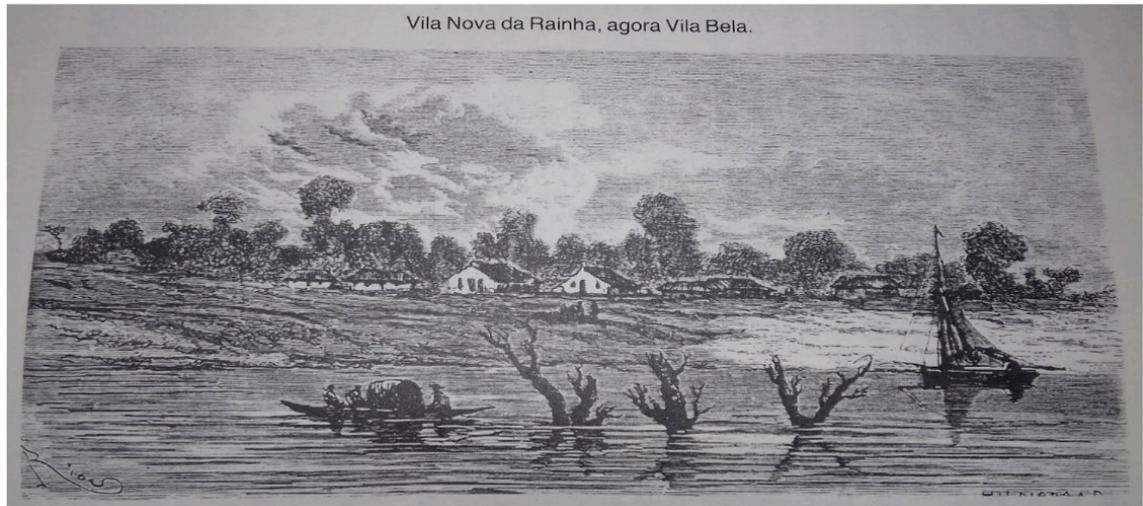


Figura 1: detalhe da antiga *Villa Bella da Imperatriz* (1852), a qual passou a ser denominada de cidade de Parintins em 1880 (Fonte – MARCOY, Paul (2001, p. 210).

Quando Paul Marcoy passou pela cidade de Parintins, nos anos cinquenta do século XIX deixou o seguinte relato:

A dois tiros de flecha da sua embocadura, na margem direita do rio [Amazonas] e rodeadas pelo costumeiro capim amarelado, contamos onze casas pequenas com tetos de palha; atrás delas levantava-se a floresta. Isso era tudo o que restava de Vila Nova da Rainha. Essa nova vila era no começo um simples povoado fundado no princípio deste século por um certo Pedro Cordovil, um capitão-do-mato que formou com índios Mundurucus do interior do Tapajós. Pouco tempo depois da fundação um decreto do governador e capitão-geral do Pará, Marcos de Noronha e Brito, elevou-o à condição de missão e deu-lhe o gracioso nome de Vila Nova da Rainha (MARCOY, 2001, p. 211-12)

O referido naturalista descreveu Vila Bela como uma cidade fantasma: seus habitantes “deviam estar mergulhados num sono profundo; eram quatro da tarde e suas janelas estavam hermeticamente fechadas” (Idem.). Olhando para esses relatos vislumbro que as narrativas deixadas pelos cronistas e naturalistas dos séculos XVI até XIX foram visitadas por Hatoum. Destes relatos históricos surgem, por meio da narrativa de ficção do escritor amazonenses em estudo, por exemplo, motes para ambientação da cidade de Vila Bela e para a construção de seu personagem principal Arminto Cordovil. Apesar de ser perigoso afirmar, no plano histórico, que Parintins

foi a cidade encantada dos Tupinambás, pode-se presumir que as referidas matrizes intelectuais e imagéticas, contribuíram e muito com a escrita criativa de Hatoum.

Não obstante, para o narrador de Hatoum, a *Cidade Encantada* era:

uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas. A Cidade Encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado. Ulisses Tupi queria que eu conversasse com um pajé: o espírito dele podia ir até o fundo das águas para quebrar o encanto e trazer Dinaura para o nosso mundo. Sugeriu que eu fosse atrás de dom Antelmo, o grande curandeiro xamã de Maués. Ele conhecia os segredos do fundo do rio e podia conversar com Uiara, chefe de todos os encantados que viviam na cidade submersa (HATOUM, 2008, p. 64).

Nessa narrativa percebe-se, por um lado, certa busca de um tempo perdido. Tempo imaginário presente na memória coletiva dos habitantes da Amazônia. Por outro, a feição das crenças nos *encantados*, a partir do imaginário das populações que habitam a região. E nesta para aquilo que os antropólogos, como Heraldo Maués anotam e categorizam como *pajelança indígena*. Assim, vejo nas linhas subsequentes a representação dos encantados. De acordo com os estudos mais recentes a *pajelança indígena* é fruto e produto de crenças ancestrais dos Tupinambá, a qual se apropria, primeiramente, dos dogmas católicos e, posteriormente, do conjunto de crenças e lendas portuguesas. Mais tarde sofre influência das religiões africanas (mina, umbanda, candomblé) e do espiritismo kardecista europeu. Portanto, a *pajelança indígena* assume uma peculiaridade sincrética, pois, paralelo à apropriação de elementos de culturas externas, também acaba por influenciar as religiões com as quais manteve contato ao longo de sua trajetória histórica (MAUÉIS; VILLACORTA, 2004). Por outro lado, a figura do curandeiro xamã é um indício para outra prática e representação da pajelança, isto é, a *pajelança cabocla ou rural*. Dito corretamente,

uma forma de xamanismo, já que seu principal oficiante, o pajé curador, mantém um contato íntimo com as entidades sobrenaturais (os caraúnas), que se apoderam de seu corpo, incorporando-se nele, durante as sessões públicas ou privadas, na maior parte dos casos destinados à cura de doentes. (Idem, p. 49).

A *pajelança cabocla* se motiva na crença dos encantados. Seres invisíveis que habitam o *encante*: morada subterrânea ou aquática das referidas entidades. Os registros etnográficos, dos mencionados antropólogos, a partir de trabalho de campo em regiões amazônicas anotam três formas de encantados: os *bichos do fundo*⁶, os *oiaras*⁷ e os *caruanas*.⁸ Na trama elaborada por Milton Hatoum, como se percebe em fragmentos supracitados, Dinaura, indígena a qual Arminto Cordovil apaixonou-se,

6 Aquáticos, se manifestam na forma de jacarés, cobras, peixes e botos.

7 Terrestres tomam a forma humana para persuadir as pessoas e levarem para o fundo dos rios.

8 Incorporam nas pessoas que “se agradam” ou naquelas quem tem o “dom” e, principalmente, nos próprios pajés (xamãs), tomando seus corpos para praticarem o bem e curarem os doentes.

desaparece ao ponto de todos afirmarem que ela foi levada para morar no *encante*: a cidade localizada no fundo do rio. Apelo uma vez mais à narrativa de Hatoum para demonstrar o imaginário balizado no conjunto de crenças amazônicas, os quais envolvem o personagem narrador da novela de Hatoum: “No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio. E que eu devia quebrar o encanto antes de ser transformado numa criatura diabólica” (HATOUM, 2008, p. 35).

Esse registro etnográfico me faz lembrar a famosa lenda da Cobra Norato. Recorrendo aos registros do Vale Amazônico encontra-se uma narrativa corroborando que ao banhar-se nas águas entre os rios Amazonas e Trombetas uma mulher engravidou. Mais tarde dá a luz a gêmeos, feitos serpentes escuras. A memória coletiva as conhece como Maria Caninana e Honorato. Como eram bichos anfíbios, logo a mãe as joga no paraná do Cachoeri. Honorato, de temperamento bondoso, às vezes fazia visitas à mãe. À noite transformava-se num moço bonito, sempre vestido de branco, aproveita as festas para dançar e enamorar moças. Já Caninana, de natureza violenta, torna-se temida por navegadores e pescadores, famosa por alagar embarcações e matar os naufragos. Em meio a uma relação conflituosa, Honorato mata Caninana. Na cidade de Cametá, Honorato, faz amizade com um soldado, revela seu encanto e pede para ele ajudar-lhe a se desencantar. Assim o soldado fez: colocou dois pingos de leite na boca da cobra e deu uma cutilada com ferro virgem na cabeça da serpente escura. Feito isto, Honorato e seu amigo soldado queimaram a pele da cobra que durante os dias tomava o corpo do encantado. (PINTO, 2012, p. 53).

Ora, recorrendo novamente a citação que faz menção a crença do encantamento da personagem de Hatoum, vê-se que nesse imaginário transculturado pelo escritor amazonense, para os habitantes de Vila Bela, Dinaura assume peculiaridades da cobra Caninana. Contudo, observando a novela em estudo, no tempo do enunciado a personagem Arminto Cordovil “escutava a voz de Dinaura nos sonhos. Uma voz mansa e um pouco cantada, que falava de um mundo melhor no fundo do rio.” (HATOUM, 2008, p. 41). Canto que lhe persuadiu a seguir um caminho contrário aquele abraçado por seus ancestrais. Ou seja, buscar, no mapa, na trajetória de sua trágica existência, Dinaura. A índia que preferiu migrar para *Eldorado*. Assim:

Por vingança e por *prazer pueril* eu tinha jogado fora uma fortuna. E olha só: não me arrependo.

Mostrei o mapa a um prático experiente e disse a ele que procurava um povoado na Ilha de Eldorado (HATOUM, 2008, p. 101).

Diz Arminto, motivado por sua convicção.

Não sem sentido, no entrecho que traz a lume o desfecho desse ensaio, utilizei

de grifos. Eles servem para argumentar uma vez mais que a investigação proposta aqui procurou, de certa forma, analisar a novela *Órfãos do Eldorado*, almejando acompanhar como Milton Hatoum lançou de alguns nuances da História e Cultura Indígena. Assim, na fronteira entre verossimilhança/memória/história Hatoum traz à baila a complexidade de *Órfãos do Eldorado*. Em suma, literatura fecunda e, por sinal, boa para pensar, fazer e ensinar parte da História Indígena da Amazônia.

REFERÊNCIAS

1. Fontes:

Milton Hatoum lança 'Pontos de Fuga' segunda parte de trilogia. Seção Diversão e Arte do *Jornal Correio Brasiliense*, disponível: <http://www.correiobrasiliense.com> – acesso: 04/11/2019.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Antônio C. R. *Memória do município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material*. Manaus: Edições, Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de Historiador*; prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERQUA, Dom Arcângelo. *Clarões de fé no Médio Amazonas*. Manaus: 2. Ed. Gráfica e Editora ProGraf, 2009.

FAUSTO, Carlos. "Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico". In.: Cunha, Manuela Carneiro (org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2006, p. 383.

HATOUM, "Laços de parentesco: ficção e Antropologia". In.: *Raízes da Amazônia*, Ano I. V.1, nº 1, – Manaus INPA, 2005.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. Companhia da Letras : São Paulo, 2008, p. 107 – afirma "romance", mas na verdade, como ele mesmo deixa claro no evento referido anteriormente trata-se de uma novela.

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. Tradução, introdução e notas de Antônio Porro. 1ª edição em português. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. "Pajelança e Encantaria Amazônica". In.: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*; textos de André Ricardo de Souza et al. – Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

MELLO, J. A. O percurso para utopia: o Eldorado de Milton Hatoum. In. *Revista Letras*, Curitiba, N. 86, Jul./Dez. Editora UFPR, 2012.

MINDLIN, Betty e narradores indígenas. *Moqueca de maridos: mitos eróticos*. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. *Cultura e Ontologia no mito da cobra encantada*. Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

REIS, Arthur C. F. *As origens de Parintins*. Manaus: Editora Governo do estado do Amazonas, Secretária de Imprensa e Divulgação, 1967.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. – tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa (1): A intriga e a narrativa histórica*; tradução Cláudia Berliner; revisão de tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução Hélio Salles Gentil. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924, em Manaus*. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 1998.

SLATER, Candace. *A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica*. tradução de Astrid Figueiredo. - Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. “Santidades ameríndias”. In.: *A heresia dos índios: cotidiano e rebeldia no Brasil colonial*. – São Paulo : Companhia das Letras, 1995, p.p. 46-50.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios antropológicos*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WILLIAMS, Raymond. L. “A ficção de Milton Hatoum e a nova narrativa das minorias na América Latina”. In.: CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. (org.) *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte*. – Manaus : Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Uninorte, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164
Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192
Arte sacra 246, 253, 255
Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297
Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173
Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140
Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206
Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376
Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376
Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270
Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206
Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332
Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319
Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67
Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179
Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139
Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152
Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376
Etnografia 47, 216, 332

F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

N

Negritude 1

O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335
Paulo bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Pensamento educacional 154
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350
Profhistória 37, 91

R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

Z

Zumbi dos palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

 **Atena**
Editora

2 0 2 0